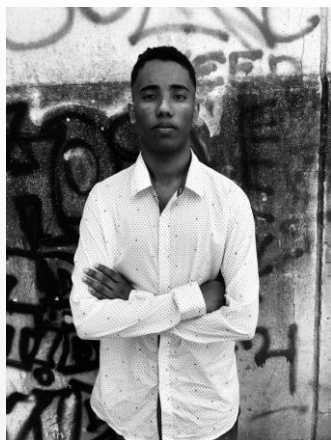


A base da minha evolução: Educação e cooperação

Criseverton 17 anos



Meu nome é Criseverton, tenho 17 anos, sou brasileiro e me auto declaro como negro. Fui criado a maior parte da minha vida pela minha mãe, a qual sempre me incentivou a seguir o caminho do estudo, pois seu desejo sempre foi que eu seja e faça diferente do que ela fez no ensino médio.

Como engravidou na minha idade, teve que se ausentar do último ano do colegial e concluiu depois com supletivo, devido a este fato, suas opções no mercado de trabalho sempre foram limitadas, mesmo possuindo alguns cursos, o que consequentemente iria implicar na minha criação. Graças a Deus, ao universo, ou seja, lá qual força superior que rege por mim, nunca me faltou nada, sempre fui criado em condições humildes, mas tendo sempre o necessário para sobreviver.

No início da minha vida escolar tive algumas dificuldades de socialização e um pouco no aprendizado, fui alfabetizado na faixa certa, mas o real problema eram as malditas “continhas” matemáticas. A partir do 3ºano as coisas melhoraram, fiz amigos, consegui aprender melhor as “continhas”, mas estava longe de ser o melhor aluno da sala, era bem mediano. No 4ºano troquei de escola, de início não gostei, já que os alunos não eram tão educados quanto da outra escola, mas com o passar do tempo vi que aquela escola era o meu lugar, além de me socializar com mais pessoas,

tinha um apoio maior da professora, que viu que o meu problema de aprendizado estava ligado ao psicológico e me colocou na recuperação e então tudo ficou mais fácil de aprender e nunca mais precisei de uma recuperação.



Foi no 8ºano, em 2014, que percebi que era capaz de chegar onde quisesse, isso devido a minha aprovação no cursinho “Casdinho”, embora não tenha me preparado para fazer a prova, consegui a aprovação, o que me deixou muito feliz e mudou a visão dos meus colegas e professores sobre minha pessoa. A partir daí confiaram mais no meu conhecimento e tive mais valorização, o que alavancou minha autoestima.

No ano seguinte comecei a frequentar o curso, que tinha como objetivo preparar os alunos para os vestibulares de escolas do ensino médio (privado e público). Devido ao fato de começar a ser visto como um dos inteligentes da turma e por estar frequentando o curso, criou-se um sentimento em mim de inabalável, assim então não me dedicava a estudar em um período pós escola e curso, como consequência disso tive más resultados nos vestibulares de final de ano, os quais não consegui uma boa porcentagem para uma bolsa de estudos, foi então que veio o sentimento de arrependimento, sendo assim iria ter que ir para a escola que a maioria iria ser transferido, para o Márcia Helena, apenas mais uma escola que sofria com o descaso da educação na periferia.

O 1º ano do ensino médio foi horrível, pois se tinha um ambiente tóxico com alunos e alunos totalmente desinteressado com seu aprendizado, foi ai que o pensamento de fazer faculdade tinha se esvaído da minha mente, e pensava apenas em concluir o ensino médio e trabalhar, na verdade a ideia de trabalhar já a tinha, começaria a trabalhar durante o período do ensino médio. Embora a situação de ensino sofresse um descaso ainda me dedicava aos estudos, e comecei a estudar em um período extra, por contra própria para ampliar meus conhecimentos e pelo fato de ter aprendido com o erro que havia cometido no passado. Os meses foram se passando e nada de arrumar um trabalho, mas no final do ano recebo uma notícia que ninguém esperava, a escola iria se tornar integral para melhorar a



qualidade de ensino, parecia então surgir uma esperança no fim do túnel.

Em 2017 a mudança ocorreu na escola, mudando praticamente toda a sua gestão, boa parte dos professores eram novos e só permaneceram os alunos que realmente tinham interesse em seus estudos. Foi perceptível que o projeto PEI tinha como objetivo melhorar as condições de estudos da comunidade em que vivo. Toda a estrutura de ensino da escola mudou e aquele sentimento de seguir uma vida acadêmica renasceu.

Dentre os vários projetos que teve naquele ano na escola o que causou maior impacto na minha vida foi o da “Consciência Negra”, que teve como objetivo conscientizar de fato os alunos através de outros alunos, os quais eu me enquadrava.

Este projeto foi importante para mim, porque me fez reconhecer as minhas raízes históricas e sentir orgulho desta essência, que por séculos resiste à diversas situações de risco, e a partir desta ação descobri em mim a força e o orgulho em dizer “eu sou negro” sem carregar nenhum estigma, também ajudou a desenvolver o meu protagonismo e a minha introversão de falar em público. Uma das pessoas que me proporcionou este empoderamento foi a professora Adele, sua personalidade forte e resistência perante a esta sociedade racista me fez criar um sentimento de admiração, fazendo com que muitas vezes associasse a sua imagem à de uma personagem de uma série que assistia, a advogada Annalise Keating, interpretada pela atriz americana Viola Davis.

Já neste ano de 2018, ocorreu um dos grandes marcos da minha vida, a aprovação no processo seletivo “Jovem destaque” do Rotary. Lembro-me bem do coordenador Nelson me parar no corredor antes de descer para almoçar e me dizer, algo do tipo, “tem uma oportunidade incrível para você, depois te chamo para conversar melhor”...



coincidentemente neste dia tive uma epifania sobre o meu futuro, a qual pensava, “Meu Deus será queque um dia eu saio desse Brasilão”.

Era uma quarta-feira e no horário da eletiva fui chamado para ir na sala do vice-diretor, aonde o próprio junto ao Nelson me contou que tinha sido selecionado por toda a equipe gestora para uma oportunidade de intercâmbio, porem precisava participar de um processo seletivo para a escolha do melhor jovem, mais à frente em uma entrevista realizada por representantes do Rotary, a qual minha mãe estava presente e chorou depois do encerramento da entrevista, causando uma certa pressão em mim, tive a confirmação da prova classificatória e que teria um semana para me preparar, a partir daí percebi que não poderia perder tempo pois era a oportunidade da minha vida. Então, estudei muito os conteúdos que seriam cobrados na prova, felizmente tive apoio e auxílio dos professores e da direção que me concedeu um tempo pós almoço para estudar, também tive um grande apoio no transporte, pois a prova seria em Taubaté. Um dia antes da prova recebi diversos “boa sorte”, “vai dar tudo certo”, e tinha até professora já me indicando alguém para fazer o visto, o que me causou uma enorme pressão devido a tanta confiança em minha pessoa e pelo fato de ser uma oportunidade única.

Semanas se passaram, até que em uma bela tarde, fui chamado a sala da direção novamente, chegando lá estavam todos presentes Diretor, Vice Diretor o Coordenador e os representantes do Rotary, quando vi aquilo fiquei todo “gelado” não sentia as minha pernas, pediram para eu sentar, me fizeram algumas perguntas sobre o dia da prova, respondi o que eu achava e, por fim disseram que eu havia sido aprovado, naquele momento não sabia o que fazer, a única coisa que me veio à cabeça posso ligar para minha mãe?

Quando contei para a minha mãe por telefone dizendo que havia passado, ela disse que não conseguia parar de sorrir, estava tão orgulhosa e feliz quanto eu, neste momento percebi que cada forma de conhecimento adquirido tinha...



valido a pena e me colocado na posição de 1º na classificação da prova e, é claro que o incentivo da guerreira que me criou me deu forças para este grande feito.

A partir do resultado da prova muita coisa mudou, minha realidade e visão de mundo se ampliaram para novos horizontes. Fiquei conhecido como prodígio, tanto é que a Vanguarda me entrevistou, e devido a essa e outras exposições em público, está me ajudando a finalmente deixar a timidez de lado, para assim expor minhas opiniões sem medo de julgamento.

Mediante a essa grande evolução que ocorreu e está ocorrendo em minha vida, a palavra que define este ano é “gratidão”, pois tive a prova de que estudar, traz de fato um bom resultado no futuro. Graças a esse intercâmbio que nem ocorreu ainda, mas já vem trazendo grandes aprendizados. Venho conhecendo outras realidades sociais, realidades que pensava em vivenciar somente quando estivesse trabalhando ou depois de concluir a faculdade, realidades extremamente distantes para um jovem de periferia como eu e, isso me motiva a crescer ainda mais, pois ver que apesar de viver na comunidade em que vivo, consegui quebrar o estereotipo negativo que se tem daqui, e incentivar muitas crianças e adolescentes a chegar tão longe quanto cheguei.



O CORAL RESISTÊNCIA

Laura Fabia Souza Santos



A escola Márcia Helena realizou a segunda edição do Projeto Consciência Negra esse ano, nós integrantes do Projeto nos reunimos desde maio em encontros semanais. No primeiro encontro fizemos um PDCA referente ao ano de 2017 e discutimos o tema que seria trabalhado em 2018.

Nesse período de encontros, aconteceu o casamento do príncipe Harry e a princesa Megan, e foi então que tudo começou. É estranho dizer que uma mulher negra tivesse uma paixão despertada a partir de um casamento real, mas foi isso mesmo que me aconteceu. Um coral negro gospel cantou durante a celebração e por sorte eu estava assistindo TV e pude presenciar esse fato histórico. Quando ouvi os primeiros acordes, fui tomada por uma paixão imediata, desde então não conseguia parar de falar sobre aquele coral.

Em uma das reuniões do Projeto contei sobre a minha admiração e encanto ao ver aquele povo negro cantando para a realeza. Conversamos sobre isso com minhas professoras orientadoras Andréia e Adele surgiu à ideia de criar uma oficina sobre a História da Música Afro, o que me ensinou e fez com que me a apaixonasse ainda mais pelo coral. Não sendo o suficiente, junto com os outros integrantes do Projeto, criamos um coral gospel negro e o nomeamos de “Resistência”, com o objetivo de valorizar a nossa essência AFRO, expressar a nossa força através da música.

Cada vez que cantamos, eu me sinto como estivesse revivendo o que meus ancestrais viveram. Cantavam em liberdade, cantavam em todos os momentos de suas vidas, poderiam estar tristes ou felizes, agradecendo pela vida ou em luto, e mesmo quando foram proibidos de cantar, passaram por cima e encontraram na música refúgio e um lugar para expressarem seus sentimentos.